

---

## O LATIM E O PORTUGUÊS: HERANÇAS LEXICAIS

Camilla da Silva Mendes<sup>1</sup>  
Nathalia Reis de Medeiros<sup>2</sup>  
Thiago Soares de Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho teórico resulta de pesquisa desenvolvida no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens do Instituto Federal Fluminense. Objetivando analisar e comparar a língua latina com a língua portuguesa no aspecto lexical, submetem-se à observação alguns vocábulos constantes na obra de Viaro (1999), dos quais se faz uso na língua materna, mas cujas origens são latinas. Além disso, ressalta-se a importância dos estudos diacrônico e etimológico das palavras, para que sirvam de auxílio à ortografia, apontando que o latim é uma língua bastante contributiva para o léxico derivado encontrado no português, sendo, para este, relevante nos níveis da compreensão e do aprendizado.

**Palavras-chave:** Lexicologia e Etimologia. Léxico derivado. Latim.

### THE LATIN AND THE PORTUGUESE: LEXICIAN HERITAGES

**Abstract:** This theoretical work is the result of research developed at the Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens of Instituto Federal Fluminense. Aiming to analyze and compare the Latin language with the Portuguese language in the lexical aspect, some constant terms are submitted in the work of Viaro (1999), of which one makes use in the mother tongue, but whose origins are Latin. In addition, the importance of the diachronic and etymological studies of words to help spelling is emphasized, pointing out that Latin is a very contributory language for the derived lexicon found in Portuguese, being relevant for the latter in the levels of Understanding and learning.

**Keywords:** Lexicology and Etymology. Derived lexicon. Latin.

### Considerações iniciais

Sabe-se que a língua latina foi disseminada por inúmeras regiões nas quais, hoje em dia, são faladas as línguas românicas, ou como dizem Cunha e Cintra (2008), nas regiões que, após a adoção do latim, “romanizaram-se” (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 11). Logo, entende-se que o latim (vulgar) é a língua de origem das línguas românicas, tais como o português, o espanhol, o catalão e outras. Entretanto, percebe-se que, ao longo

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Integrante da pesquisa "O Português Histórico e a sua aplicabilidade na explicação de fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa", registrado no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL) do Instituto Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Integrante da pesquisa "O Português Histórico e a sua aplicabilidade na explicação de fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa", registrado no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL) do Instituto Federal Fluminense.

<sup>3</sup> Doutorando e Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professor da Licenciatura em Letras do Instituto Federal Fluminense (IFF).

do tempo, devido às influências linguísticas e ao fato de que toda língua viva tende a evoluir constantemente, tais línguas têm se distanciando de seu étimo, ou seja, torna-se cada vez mais difícil identificar a filiação entre a língua de origem e algumas palavras dela derivadas.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo analisar e comparar o latim e a língua portuguesa no nível do léxico, analisando alguns vocábulos provenientes da língua latina que são utilizados constantemente sem que se atente à sua origem, além de ressaltar a importância dos estudos etimológicos no auxílio da ortografia, como aborda Viaro (2013), e compreender algumas exceções presentes no cotidiano da língua portuguesa, muitas vezes consideradas irregularidades, mas que, na verdade, são peculiaridades linguísticas que têm raízes profundas no latim.

A metodologia utilizada neste trabalho é de cunho bibliográfico, pautando-se em autores importantes para os estudos etimológicos e para a História da Língua Portuguesa, tais como Basseto (2010), Nunes (1969), Cunha e Cintra (2008), Viaro (2013 e 1999), Ximenes (2003), além de outros em obras impressos e digitais, permitindo um maior aprofundamento no assunto-tema deste trabalho e um maior proveito dos inúmeros meios disponíveis como livros, artigos publicados e dicionários.

É importante ressaltar, por fim, que o assunto abordado não tem a intenção de ser esgotado, uma vez que se tem consciência de que a forma de abordagem impendida neste estudo é apenas uma dentre várias possibilidades analíticas em relação à seara lexical, sendo necessário ressaltar que, para a compreensão de algumas nuances da língua, deve-se recorrer a uma multiplicidade de métodos de forma que o estudo lexical se torne mais completo, embasado e estruturado.

## **1 Do latim ao português: noções preliminares relacionadas ao léxico**

Léxico é o conjunto de todas as palavras que pertencem de alguma forma a um idioma e que podem ser empregadas em vários níveis linguísticos. O léxico constitui um inventário aberto, em parte mutável, correspondendo a uma visão do mundo e à cultura do povo que o usa. Esse processo de mutação, no entanto, observa-se mais nas palavras ditas de significação externa, como substantivos, adjetivos e verbos, do que nas de significação interna, tais como advérbios, preposições e conjunções, cujo inventário é geralmente fechado. As mudanças léxicas acompanham as alterações sociais,

econômicas, políticas e culturais da comunidade, conforme atestam os resultados da aplicação dos métodos da Geografia Linguística, Histórico-Comparativo, etc. (BASSETO, 2010).

Um estudo aprofundado do léxico de uma determinada língua deve ter, como ponto de partida, o conhecimento etimológico ou o conhecimento da biografia da palavra. É importante, então, fazer a relação da história interna com a história externa da palavra, de maneira que a análise dos estratos linguísticos (substrato, superstrato e adstrato) esteja presente, uma vez que é no léxico que a influência desses estratos é mais forte e sensível (BASSETO, 2010).

Assim como as demais línguas neolatinas, cada qual com suas peculiaridades evolutivas, a língua portuguesa não passa de uma transformação lenta e sucessiva, que aconteceu por muitos séculos, de uma língua que havia se desenvolvido e também tomado o nome do local onde se desenvolvera, o Lácio. Essa língua, que se originou na região central da Península Itálica, por sua vez, também é a transformação de uma outra língua falada por um povo sem história que nem mesmo a ciência fora capaz de determinar: o indo-europeu, língua hipotética reconstruída com base em comparações e hipóteses, dada a sua antiguidade na Europa e grande parte da Ásia (NUNES, 1969).

Todas as línguas que têm a sua derivação do latim são chamadas de línguas românicas, neolatinas ou novilatinas. E, dentro do próprio léxico latino dessas línguas, é possível distinguir os vocábulos advindos de três vias evolutivas distintas: a herança, a semierudição e a erudição. Os vocábulos herdados são aqueles provenientes diretamente do latim, através da fala dos usuários, porém apresentam mutações fonéticas e até mesmo semânticas características de cada língua. Os semieruditos são introduzidos na língua por via culta, mas também estão suscetíveis à mutação, tal como os vocábulos herdados. Já os eruditos são transportados diretamente do latim para a língua românica sem qualquer adaptação fonética e com o conteúdo semântico igual ou muito parecido (BASSETO, 2010).

Diante dos conceitos e fatos apresentados, é preciso ressaltar que muitas palavras foram herdadas do latim para a língua portuguesa e que o mesmo aconteceu com as demais línguas românicas. Porém, nenhuma dessas línguas derivaram-se diretamente do latim (vulgar), mas de romances<sup>4</sup> regionais cujas datas de formação e extinção não podem

---

<sup>4</sup> Romances eram as modificações regionais do latim.

ser precisadas, assim como ocorre com o desaparecimento do latim vulgar. O que se pode dizer é que algumas mudanças ocorreram entre os séculos IV e V e se sucederam devido à diversidade do meio, à extensão territorial, entre outros fatores (COUTINHO, 1974). A seguir, o Quadro 1 demonstra a semelhança lexical entre o latim e algumas línguas românicas:

Português	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Latim	<i>unus</i>	<i>duo</i>	<i>tres</i>	<i>quattuor</i>	<i>quinque</i>	<i>sex</i>	<i>septem</i>	<i>octo</i>	<i>novem</i>	<i>decem</i>
Espanhol	<i>uno</i>	<i>dos</i>	<i>tres</i>	<i>cuatro</i>	<i>cinco</i>	<i>seis</i>	<i>siete</i>	<i>ocho</i>	<i>nueve</i>	<i>diez</i>
Catalão	<i>un</i>	<i>dos</i>	<i>tres</i>	<i>quatre</i>	<i>cinc</i>	<i>sis</i>	<i>set</i>	<i>vuit</i>	<i>nou</i>	<i>deu</i>
Galego	<i>un</i>	<i>dous</i>	<i>tres</i>	<i>catro</i>	<i>cinco</i>	<i>seis</i>	<i>sete</i>	<i>oito</i>	<i>nove</i>	<i>dez</i>
Português	um	dois	três	quatro	cinco	seis	sete	oito	nove	dez
Francês	<i>un</i>	<i>deux</i>	<i>trois</i>	<i>quatre</i>	<i>cinq</i>	<i>six</i>	<i>sept</i>	<i>huit</i>	<i>neuf</i>	<i>dix</i>
Italiano	<i>uno</i>	<i>due</i>	<i>tre</i>	<i>quattro</i>	<i>cinque</i>	<i>sei</i>	<i>sette</i>	<i>otto</i>	<i>nove</i>	<i>dieci</i>
Romeno	<i>unu</i>	<i>doi</i>	<i>trei</i>	<i>patru</i>	<i>cinci</i>	<i>şase</i>	<i>şapte</i>	<i>opt</i>	<i>nouă</i>	<i>zece</i>

Quadro1: Semelhança lexical nos números de 1 a 10 nas línguas românicas.  
 Fonte: GONÇALVES (2009)

No Quadro acima, pode-se notar que há alguns traços que distinguem uma língua de outra, já que a base lexical dos numerais é bastante aproximada à da língua latina. Ainda sobre o Quadro, vale ressaltar que a modalidade latina utilizada é a vulgar, a despeito da coincidência com a escrita do latim clássico. Esse latim vulgar, como língua viva que era à época em que fora manejado, tinha a característica de ser facilmente alterado e transformado, isso porque se tratava de uma modalidade essencialmente oralizada cujo vocabulário era utilizado em mercados e, conseqüentemente, por estrangeiros, escravos de outros lugares e afins, fazendo com que a língua mudasse rapidamente. Foi esse o latim que serviu como base para a formação das línguas românicas, o que justifica as alterações de um idioma para outro.

Saraiva (1927) aborda em seu dicionário palavras de uso frequente no vocabulário da língua portuguesa, as quais são repassadas sem que se saiba a sua origem e, por consequência, também o seu real significado. Um exemplo é a palavra "adultério". Essa palavra adveio do latim e significa: "ir a outro" (ad+alter), visto que une uma preposição indicativa de movimento (*ad*) com o pronome indefinido "outro" (enunciado nas formas masculina, feminina e neutra como *alter*, *altera*, *alterum*, adjetivo latino de primeira

---

classe). Subentende-se que o sentido seria: “ir a outra cama, outra mulher, outro homem”, ou seja, uma relação fora do casamento. Há também o exemplo "enfermo", que provém do latim (*in+firmu*), ou seja, não firme. Neste caso, tem-se a partícula prefixal negativa *in* que, em latim, unia-se preferencialmente a substantivos ou a adjetivos, como é o caso de *fīrmu*.

Segundo Viaro (1999), o léxico do latim está presente até em invenções que não são tão antigas, como é o caso de "fax", que nada mais é do que uma abreviação de *fac simili*, que significa “faça de maneira semelhante”; de fato, essa seria a real função do fax. Há também palavras importadas do inglês, mas que possuem origem no latim, como é o caso do verbo "deletar", comumente usado na informática. Em inglês, o verbo no infinitivo é *to delete* e é proveniente do verbo *deleo* em latim (enunciado *deleo, deles, delere, delevi*, *delectum*, ou seja, as formas da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, segunda pessoa do mesmo tempo e modo, forma infinitiva de segunda conjugação, primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e supino, respectivamente), que significa destruir, apagar, o que basicamente é o que ocorre quando algo é deletado. Assim, "delete" é forma derivada de *delet*, terceira pessoa do singular do verbo latino *deleo*, no presente do indicativo (*delet*).

Evidente que é finito o léxico latino utilizado na língua portuguesa em diferentes âmbitos, mas, dadas as dificuldades de delimitá-lo totalmente, é pouco provável que isso seja feito. De acordo com Viaro (1999), exemplos interessantes são os termos "idem", muito comum entre os jovens para dizer “mesma coisa”; a expressão "grosso modo"; e "vulgo", utilizada para dizer como alguém é conhecido, além de muitas outras que pairam pela Biologia, pelo Direito e demais áreas que se valem do léxico latino, pronunciado normalmente no cotidiano sem que se tenha o conhecimento de sua verdadeira origem.

## **2 Análise e comparações lexicais**

A partir dos exemplos citados na seção anterior, os quais são vocábulos utilizados frequentemente pelos praticantes do português, sem saber a origem real, é possível notar, a princípio, alguns dos benefícios de se compreender a língua latina e os estudos etimológicos para o aprendizado da língua portuguesa. Segundo Williams (1986), os vocábulos latinos entraram na língua portuguesa através da igreja e da lei, depois pelas obras dos eruditos e dos homens das letras e, somente depois, pela ciência. Nesse sentido,

---

entende-se que essa inserção do léxico latino no português não ocorreu repentinamente, sendo, portanto, um processo lentamente construído, assim como qualquer língua ou dialeto que se desenvolve através das influências e contatos linguísticos.

Consoante Carvalho e Nascimento (1981) em clara convergência conceitual com Basseto (2010), cuja teoria já fora explicada anteriormente, o latim é a fonte principal do léxico português, sendo que a presença dele na língua deste país é compreendida em três grupos: o grupo de palavras populares, muito antigas, que sofreram todas as transformações fonéticas que eram características da fala popular, tais como *macula* > *macla* > *malha*; o grupo de palavras semieruditas, que entraram na língua no início da época literária, sofrendo menos transformações fonéticas que as populares, como em *humanitate* > *humanidade*; e o das palavras eruditas, introduzidas no português vindas diretamente do latim a partir do século XIV. Os vocábulos pertencentes ao último grupo também são chamados de latinismos, uma vez que, ao passarem para o português, não sofreram nenhuma transformação fonética, somente algumas acomodações linguísticas, assim como em *flamma* > *flama* e *solitariu* > *solitário*.

Para dar início às análises, Viaro (2013) cita o exemplo da palavra *sapĕre*, que em português quer dizer “ter sabor”, sendo que *sap* é sua raiz e *ĕre* sua desinência verbal de terceira conjugação latina. Com o acréscimo do sufixo *ĭdus* à raiz da palavra, tem-se *sapĭdus*, ou seja, “que tem sabor”. Ao analisar mais profundamente, Viaro (2013) mostra que, juntando o prefixo *in*, a palavra passa a ser *insapĭdus*, algo que não tem sabor. Entretanto, após várias transformações sofridas até chegar ao português, tem-se a palavra “insípido”, que tem o mesmo significado de *insapĭdus*. O importante a destacar sobre tal sintagma, é que a sua raiz *sap* sofreu apofonia<sup>5</sup>, tornando-se *sip*. Segundo Viaro (2013, p. 4), “as técnicas de etimologia ampliam o vocabulário passivo de quem as domina, sem falar que esse conhecimento auxilia problemas de ortografia: sabendo disso, jamais se pensará em escrever *insípido* com *c*”.

Logo, com os estudos etimológicos, percebe-se que muitas das irregularidades e exceções presentes na língua portuguesa não são de fato aspectos irregulares ou excepcionais, mas sim regras que se pautam em uma lógica coerente que, além de enriquecer intelectualmente quem estuda a língua latina, também auxilia na ortografia.

---

<sup>5</sup>Apofonia trata-se de um “processo de mudança que consiste na transformação da vogal inicial de uma palavra quando lhe é acrescentado um prefixo” (XIMENES, 2003, p. 21).

---

Dessa forma, propõe-se aqui analisar diversos outros vocábulos com base em Viaro (1999), visando à comparação lexical entre o latim, língua-mãe, e o português, considerado uma língua românica, tudo com o intuito de ressaltar a filiação por meio da semelhança entre as palavras de ambas as línguas e a importância do latim para a formação lexical da língua portuguesa.

Nessa linha de raciocínio, uma palavra que merece destaque, pois demonstra com clareza o forte parentesco entre o português e o latim, é *comedere*, que significa “comer junto com outras pessoas”, isto é, *cum + edere*. Logo, ao comparar *comer* a *comedere*, palavra da qual se derivou o correspondente em língua materna, nota-se que há semelhança tanto na grafia quanto na semântica entre o verbo do português e o infinitivo latino. Atente-se, no entanto, que, em português, *comer* não tem necessariamente o significado de companhia, ao contrário do latim, uma vez que são encontrados para tal palavra outros significados possíveis como “alimentar e engolir”, de acordo com Bueno (2007), ou seja, uma ação praticada por um indivíduo estando acompanhado ou não.

Nesse sentido, Viaro (1999) chama atenção para o fato de que muitas das palavras que são conhecidas no português estão diretamente relacionadas a outras, como as do latim; porém, ao compará-las entre si, pode-se perceber tamanha semelhança. Essas semelhanças entre um vocábulo em português e seu étimo, ou seja, a palavra em latim da qual se derivou, são notadas, muitas vezes, imediatamente. Eis outro exemplo: *colorem* > *coor* > *cor* e *volare* > *voar*. Nos casos apresentados, é nítida a semelhança entre os vocábulos e o que separa a palavra antiga da atual: são simples metaplasmos ou transformações fonéticas. No primeiro exemplo, a palavra *colorem* é descrita no acusativo<sup>6</sup> singular, seguida da representação sincopada<sup>7</sup> que, por sua vez, sofre crase<sup>8</sup>, originando *cor*. No exemplo seguinte, percebem-se dois cortes linguísticos: a síncope da letra "l" na posição intervocálica e apócope<sup>9</sup> do "e" ao final da palavra.

Nos exemplos de vocábulos advindos do latim para o português, é possível verificar, como já visto, a presença de metaplasmos, definidos por Coutinho (1974. p.

---

<sup>6</sup> O acusativo é um caso latino representativo, em geral, da função sintática de objeto direto do português. É considerado como caso lexicogênico, já que foi a partir dele que advieram a maioria das palavras do léxico da língua portuguesa.

<sup>7</sup> Síncope é o metaplasmo sofrido por uma palavra com o passar do tempo e consiste na supressão de fonema(s) no interior do vocábulo.

<sup>8</sup> Dá-se o nome de crase ao processo histórico de junção de duas vogais idênticas e sucessivas. Atualmente, a crase somente ocorre em língua portuguesa com a letra "a".

<sup>9</sup> Apócope é a supressão de um ou mais fonemas ao fim de um vocábulo.

---

142) como “transformações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução” e, apesar de não caber aqui o detalhamento de cada uma das ocorrências, já que se trata de um trabalho essencialmente de nível lexical e não fonético-histórico, é importante ressaltar que o que diferencia a palavra latina da sua correspondente portuguesa é, em grande parte dos casos, a simples evolução linguística, representada fonética e graficamente, tais como os metaplasmos. Isso, contudo, não altera o significado vocabular, tornando facilmente inteligível o léxico para os falantes da língua portuguesa que estudam a língua latina. A palavra "volátil", por exemplo, quer dizer que algo pode voar, possuindo o radical “vol”, também pertencente à palavra latina *volare*. Tal item lexical sofreu alguns metaplasmos até chegar à forma conhecida em português: *volare* > *voare* > *voar*, ou seja, síncope e apócope respectivamente.

Outra ocorrência é o infinitivo *natare* que em português quer dizer “nadar”. A base latina explica o porquê de a palavra que designa a prática esportiva ser denominada “natação” e não “nadação”. Isso se deve ao radical latino *nat* que é escrito com “t” e não com “d”. Ocorre que, nesse caso, o “t” sonorizou-se<sup>10</sup> passando a “d”, muito comum na evolução histórica até português. Quanto à palavra *dominus*, que, traduzindo para o português, tem-se “senhor”, pode-se perceber a relação com sintagmas como: dominar, domínio, dominação, enquanto no gênero feminino, temos *domina*, que corresponde a “senhora”. Tal palavra transformou-se em “dona” com a queda de dois fonemas interiores, tendo seu diminutivo popular *dominicella* em “donzela”.

Algumas palavras têm uma história muito interessante como é o caso de *stella*, “estrela” em português, sobre a qual Viaro (1999, p. 5) faz uma observação muito eficiente. Se se analisar mais profundamente, “o coletivo de estrela é uma constelação e uma viagem entre as estrelas é uma viagem interestelar” (grifos do autor), ou seja, ambas as formas das palavras possuem o radical *stel*, e seus significados estão interligados. Já *magistra*, correspondente a “professora”, origina as palavras “maestra” e “mestra”. É possível notar que, do mesmo radical, existem os sintagmas “magistério” e “magistrado”, ambos usados atualmente. Esse aspecto também é visto em “marinheiro”, do latim *nauta*, que compõe “astronauta”, navegador dos astros.

Pode-se dizer que, aos interessados pela norma-padrão da língua portuguesa, talvez o mais interessante em todo esse processo etimológico sejam as explicações dadas às

---

<sup>10</sup> A sonorização ocorre quando um fonema surdo passa a um sonoro homorgânico.

construções lexicais, que podem auxiliar no momento de redação de um texto, por exemplo. Assim como o exemplo de “insípido” supracitado, existem inúmeros outros casos que, por mais estudados que sejam, ainda causarão dúvidas. É o caso de “sessão” e suas variadas formas.

Tem-se “sessão”, “cessão” e “seção”. Tais construções homofônicas são difíceis de trazer à memória no ato da escrita, principalmente pelo fato de possuírem diferentes significados. No entanto, para cada uma delas, há uma explicação etimológica capaz de sanar definitivamente essa dúvida. Viaro (1999) faz um apanhado etimológico das três formas, como ilustrado Quadro 2 abaixo:

Palavra	Étimo	Significado
Sessão	<i>Sedeo</i>	Estar sentado
Cessão	<i>Cedo</i>	Ceder, dar
Seção	<i>Seco</i>	Cortar

Quadro 2: Etimologia de sessão, cessão e seção.  
Fonte: Viaro (1999)

No Quadro acima, é possível observar que as palavras “sessão”, “cessão” e “seção” possuem seu étimo em verbos latinos distintos. O primeiro deles, *sedeo*, quer dizer “estar sentado” e remete à forma como os filmes são assistidos nos cinemas. Logo, a palavra “sessão” é utilizada quando se assiste a um espetáculo no teatro ou a um filme no cinema, por exemplo. Normalmente, pressupõe duração de tempo. Outra palavra, cujo radical também é “sed”, é “sede” (paroxítona), vocábulo que significa um lugar onde se pode sentar. Desse radical também advém “sedentário”, nome dado àquele que pouco pratica atividade física, ou seja, alguém que se encontra sempre sentado. (VIARO, 1999).

O segundo étimo apresentado é o verbo *cedo*, que significa, em latim, dar ou ceder. Em português, a palavra “cessão” está presente em construções como concessão e conceder, que possuem os significados de dar ou ceder, assim como o seu étimo. Em contrapartida, o terceiro étimo apresentado por Viaro (1999) é o verbo *seco*, que quer dizer “cortar”. A palavra “seção” é utilizada toda vez que é necessário se referir a algo dentro de um todo, ou seja, uma parte, um departamento ou um recorte (VIARO, 1999).

Além das observações relacionadas aos significados dos vocábulos apresentados no Quadro 2, é importante analisar também as transformações pelas quais eles passaram ao

longo da história. No caso da palavra “sessão”, vinda do verbo *sedeo*, nota-se que o radical “sed” passou a “sess” e em “cessão”, vinda do verbo *cedo*, o radical do verbo passou de “ced” para “cess” (VIARO, 1999). Essa observação leva à explicação das ocorrências em que o “d” passa a “s” em alguns casos na Língua Portuguesa, quando se forma substantivos a partir de verbos, como pode ser observado na Quadro 3, a seguir:

Verbos	Substantivos
Ofender	Ofensa
Pretender	Pretensão
Compreender	Compreensão
Ascender	Ascensão

Quadro 3: A transformação d > s em palavras da Língua Portuguesa.  
Fonte: dados da pesquisa.

No Quadro 3, observa-se a presença de verbos da segunda conjugação e, ao lado, suas versões substantivadas. Em todos os verbos apresentados, é possível notar a letra “d” em seus radicais, no entanto o cenário é diferente quando se observam os substantivos, em que o “d” é substituído pelo “s” em todos eles. A explicação para tal fenômeno está no latim, mais precisamente em seus participípios, como o caso de *sedeo* > *sessio* (sessão) (VIARO, 1999). Sendo assim, torna-se mais fácil identificar a forma correta de se escrever uma palavra quando se tem conhecimento de sua história.

Por conseguinte, o distanciamento que ocorre entre as línguas românicas e o latim não é capaz de apagar toda a história, pois, analisando atentamente alguns vocábulos, é fácil perceber donde vieram e por quais transformações passaram. É importante ressaltar que as heranças latinas são incontáveis e incontestes, compondo oitenta por cento da língua, sendo os outros vinte por cento contribuições dos árabes, germânicos, franceses, espanhóis, provençais, italianos e ingleses, responsáveis pelo grupo de vocábulos pós-latinos abordados por Carvalho e Nascimento (1981). Dessa forma, é possível ter uma pequena noção de como a língua portuguesa é rica e tem tanto a contar sobre sua história.

## Conclusão

A partir dos aspectos lexicais aqui analisados pode-se dizer que o português, como língua viva e, portanto, em constante transformação, tem como raiz o latim, mais precisamente o latim vulgar, que era considerado “a língua do povo” (WILLIAMS, 1986, p. 15) e, ainda hoje, está consideravelmente presente em no idioma português, mesmo após tantos anos de modificações causadas pelo tempo e também por influência de outros povos, línguas e dialetos, que por aqui passaram e deixaram suas contribuições resultantes de um processo longo e vagaroso.

A língua latina se mantém viva através das línguas neolatinas, ou como abordam Cunha e Cintra (2008), línguas românicas (português, italiano, espanhol, francês, romeno, galego, entre outras de menor uso). A língua portuguesa, por fazer parte desse grupo, também é herdeira de muitas palavras e expressões de sua língua-mãe. Expressões como *Corpus Christi* (corpo de Cristo), *curriculum vitae* (trajetória de vida), *et coetera/etc* (e outros) e *habeas corpus* (que tenhas teu corpo) fazem parte do vocabulário e, muitas vezes, sem que se saiba a sua real origem.

Conforme a proposta deste artigo, foram escolhidas a análise e a comparação do léxico de ambas as línguas (latim e português) para atingir o objetivo de explicitar a semelhança entre elas, mesmo depois de tanto séculos de evolução. Sendo assim, em palavras como *stella* do latim e “estrela” no português, seria percebida a diferença no “r” epentético<sup>11</sup>. Porém, com uma observação mais atenta através da pesquisa, é possível constatar que o coletivo de estrela é “constelação”, logo verifica-se a semelhança entre as duas línguas.

Por fim, Viaro (1999) aponta que aprender ou não o latim não é a questão, uma vez que ele é a alma da língua portuguesa e uma das consequências de aprendê-lo, na perspectiva de um aluno, por exemplo, vem a ser fácil a compreensão da ortografia, fazendo-o adquirir um conhecimento histórico-filosófico que possibilite a defesa de pontos de vista de forma mais clara e embasada. Em vista disso e dos diversos exemplos supracitados neste trabalho, fica evidente a importância do estudo da língua latina para o melhor entendimento do léxico português, pois, a partir de disso, torna-se possível reconhecer palavras por meio de seu étimo.

## Referências

---

<sup>11</sup> A epêntese diz respeito à inserção de um o mais fonemas no interior da palavra durante sua evolução no tempo.

BASSETO, B. F. *Elementos de Filologia Românica: história interna das línguas românicas*. V. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BUENO, S. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica: para o 2º grau e vestibulares*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1981.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

GONÇALVES, R. T. *Língua Latina*. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009.

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica*. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

SARAIVA, F. dos S. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1927.

VIARO, M. E. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Globo Livros, 2013.

VIARO, M. E. A importância do latim na atualidade. *Revista de Ciências Humanas e Sociais*, São Paulo: UNISA, v. 1, n. 1, p. 7-12, 1999. Disponível em: [http://www.unilago.com.br/download/arquivos/20996/artigo\\_Mario\\_Viaro.pdf](http://www.unilago.com.br/download/arquivos/20996/artigo_Mario_Viaro.pdf). Acesso em: 11 de fev. de 2017.

WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português*. 4. ed. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

XIMENES, E. E. Alguns termos da linguística histórica. *Revista Philologus*, Ano 9, n. 25, Rio de Janeiro CIFEFIL, jan./abril. 2003, p. 45-61. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO09/25/RPh25.pdf>. Acesso em: 06 de nov. de 2016.